

# O ZARATUSTRA DE NIETZSCHE E SUAS INSPIRAÇÕES EDUCATIVAS: DESLOCANDO IDEIAS, PRODUZINDO INTERPRETAÇÕES

Maria dos Remédios de Brito<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio objetiva deslocar ideias, produzir interpretações a respeito da condução de Zaratustra em seu movimento de aprendizado educativo a partir da segunda parte da obra “Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém”. Nessa parte, nota-se o segundo declínio do personagem central (Zaratustra), em que se mostra mais “amadurecido” e “transformado”, exercitando a sua vontade criadora. Pretende a reeducação dos discípulos, destaca o niilismo e sua incompatibilidade com a figura do além-do-homem, fala sobre a vontade de potência como sabedoria da vida, além de destacar questões profundas que dizem respeito ao tempo, à vida, ao devir, à promessa da redenção fora do tempo. Insiste em fazer crítica aos valores religiosos e morais, decorrentes da visão cristã de mundo, que contribuiu para formar um indivíduo minguado em força e em criação. Por fim, é possível notar que o movimento de Zaratustra só reforça a sua postura de educador e, de modo exemplar, ele nos educa ao educar a si mesmo rumo ao seu processo filosófico. Para além de uma educação utilitária, sugere o exercício da experimentação de si como processo fundamental para se tornar o que se é.

**Palavras-chave:** Zaratustra. Experimentação de si. Vontade criadora. Educação de si.

## NIETZSCHE’S ZARATHRUSTRA AND HIS EDUCATIONAL INSPIRATIONS: SHIFTING IDEAS, PRODUCING INTERPRETATIONS

**Abstract:** This essay aims to move ideas, produce interpretations about the conduct of Zarathustra in his learning process from the second part of the work “Thus Spoke Zarathustra: a book for all and none”. In this part, we note the second decline of the central character (Zarathustra), when he appears more “mature” and “transformed” by exercising his desire to create. He aims to re-educate the disciples, he highlights nihilism and its incompatibility with the figure of the beyond-the-man, talks about the will to power as the wisdom of life, besides highlighting profound issues concerning time, life, the becoming, the promise of redemption out of time. He insists on the criticism of the religious

---

1 Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Mestre e Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Pós-Doutora pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Universidade Federal do Pará/Instituto de Educação Científica e Matemática. Email: mrdbrito@hotmail.com

and moral values, arising from the Christian worldview, which contributes to form an individual with meagre strength and creation. Finally, it is possible to note that the movement of Zarathustra only strengthens his position as an educator and how he perfectly teaches us by educating himself towards his philosophical process. More than a utilitarian education, he suggests self-overcoming as fundamental process to become what one is.

**Keywords:** Zarathustra. Self-overcoming. Desire to create. Self-education.

## (TEXTO - 1) INTRODUÇÃO

Então aquele que declina abençoara a si mesmo por ser um que passa para lá; e o sol do seu conhecimento permanecerá no meio-dia (Nietzsche, *Za/ZA*, Da virtude dádívosa, 3).

O presente ensaio procura fazer alguns deslocamentos interpretativos da obra fundamental de Nietzsche “Assim Falou Zarathustra”, considerado um texto filosófico da terceira fase do pensador. Toma-se como fio condutor o personagem central da obra, Zarathustra, e seu processo de movimentação filosófica. O estudo sugere que Nietzsche não só apresenta a obra como filosófica/conceitual, mas é possível percorrer por seu universo de escrita vários componentes interpretativos.

O ensaio argumenta que a obra também pode ser lida como um processo de formação, de aprendizado vivenciado pelo personagem central (Zarathustra). Zarathustra educa não porque impõe regras, normas, condutas, leis, modos pragmáticos e pedagógicos. Não! Zarathustra educa pelo exercício processual singular, pelo exercício da experimentação de si e de sua filosofia. Com essa atividade destrona um modo de educação tão presente na modernidade: a educação universal e utilitária. Em desacordo com sua época, sugere que se deve educar a si mesmo para se manter afastado de todo tipo de embuste e coisificação, como forma de pensar contra alguns modos e a favor de outros modos de vida e de existência.

Assim, depois de grandes desertos solitários, a segunda parte da obra “Assim Falou Zarathustra: Um livro para todos e para ninguém” mostra seu segundo “declínio”. Apresentando-se *amadurecido* e *transformado*, Zarathustra pretende a reeducação dos seus discípulos por meio da sua volta para eles e da sua própria reeducação. Destacando mais uma vez o niilismo e sua incompatibilidade com a perspectiva do além-do-homem, fala sobre a vontade de potência como a sabedoria da vida.

Há questões profundas que vão sendo apresentadas no transcórrer de seu percurso, que tratam da problemática que diz respeito à vida, ao tempo, ao dever, à promessa da redenção fora do tempo. Retoma algumas discussões da primeira parte, insiste em fazer crítica aos valores religiosos, morais e gnosiológicos decorrentes da visão cristã de mundo<sup>2</sup>, pois entende que esses impedem que o indivíduo se torne maior e acabam enredando-o em uma teia viciosa de depreciação.

---

2 MACHADO, Roberto. Zarathustra: tragédia nietzscheana, 1997, p. 82.

Porém, se isso está entrelaçado com as relações complexas que passam pelo teor educativo, em que tanto insiste Nietzsche, ele toma posição nas seções: *Do país da formação*, *Do imaculado conhecimento*, *Dos eruditos*, como forma de evidenciar a necessidade da transformação da cultura, do indivíduo e dos valores vigentes.

Em certa altura de seus discursos, há um outro movimento formativo que, deixando de discursar, canta, mostrando uma outra faceta do seu aprendizado, definindo e pontuando uma outra guinada interpretativa de si mesmo, de sua compreensão de vida, o que será trabalhado no transcórre deste texto.

Nota-se a metamorfose e a tensão do personagem que se encontra no movimento para *tornar-se o que se é*. O seu aprendizado efetivamente é construído em rupturas, com desafios profundos, que mexem com sua intimidade, com seus valores, com suas atitudes. Não é à toa que no decorrer do seu aprendizado o personagem central se mostra preocupado, ansioso, insatisfeito, os desafios tornam-se mais presentes, o que o leva a ser mais exigente consigo mesmo.

A segunda parte dessa obra fundamental de Nietzsche mostra Zaratustra em crise em alguns momentos, e isso pode ser entendido como um avanço educativo e não como retrocesso, pois não compreende com exatidão os enredamentos dos problemas que lhe aparecem, e, mesmo não sabendo solucioná-los, não se sente acuado, identificando que o formativo passa pelo desconhecido daquilo que se apresenta para si mesmo. Não é possível entender tudo, ter para tudo respostas e soluções, e reconhecer isso é mostrar a sua dignidade. Por último, ele vai conduzindo a si mesmo e ao seu leitor para a introdução da temática do eterno retorno e com ele eclode uma profunda dramaticidade, diante do seu aprendizado na terceira parte da obra, o que não será abordado neste texto.

## **(TEXTO - 2) O RETORNO JUNTO AOS DISCÍPULOS**

-e somente quando todos vós me tiverdes negado eu retornarei a vós. Em verdade, com outros, irmãos, buscarei então os que perdi; com outro amor eu então vos amarei (Nietzsche, *Za/Za*, Da virtude dádiosa, 1)

Após deixar seus discípulos, Zaratustra retorna novamente à solidão, como uma espécie de busca de si mesmo, pois somente a personalidade heroica (e aqui se percebe o quanto ele a valoriza) é capaz de fazer esse trabalho. Recolhendo-se na caverna ou na montanha, sua sabedoria cresce, torna-se abundante e ele pretendente doá-la: existe um excesso, aquilo que transborda. Por isso, a segunda parte da obra caminha juntamente com os ensinamentos da primeira parte, fazendo-nos lembrar do início do prólogo.

Zaratustra floresce em sua solidão, se enche de amor, mostra-se impaciente, sofre, pois está distante daqueles que ama - os discípulos -, e, por outro lado, há uma espécie de desejo de furtar-se da companhia dos homens. Apresenta-se mais cuidadoso, motivado pelo excesso, pois luas e noites foram passadas, e cada vez mais o seu amor se torna maior. Deseja doar, compartilhar sua alegria e felicidade, quer ficar próximo aos seus pares, tanto dos que ama como dos que não ama também - dos seus inimigos.

Em certa manhã, é despertado por um sonho, no qual é presenteado com um espelho por um menino<sup>3</sup>. Zaratustra, ao olhar-se nele, não vê a sua imagem, mas uma careta e o riso de um diabo. O sonho é compreendido como um aviso: sua doutrina corre perigo e há a possibilidade de perder seus amigos. Diz: “O joio quer ser chamado de trigo” (NIETZSCHE, 2011, p. 79), seus inimigos querem desfigurar sua doutrina. Levanta-se de um salto, não como alguém assustado, como se procurasse ar, mas como um vidente. Com a aurora, seu rosto brilha e mostra uma grande felicidade. Ele, então, pergunta aos seus animais, à águia e à serpente, se acaso não estaria “transformado” e se para ele não viera a ventura. Sente-se preparado para descer e dar presentes, como outrora, “sua sabedoria cresceu e causou-lhe dor com sua abundância” (NIETZSCHE, 2011, p. 79).

Nessa altura do seu aprendizado, Zaratustra não está mais no mercado, na cidade sem nome, nem mesmo na cidade chamada “A vaca malhada”, pois:

Posso novamente descer para junto de meus amigos e também de meus inimigos! Zaratustra pode novamente falar e presentear e fazer o melhor para os que mais ama! Meu impaciente amor extravasa em torrentes, para baixo, para o nascente e o poente. Desde silenciosas montanhas e tempestades de dor, minha alma rumoreja rumo aos vales. Por tempo demais ansiei e olhei ao longe. Por tempo demais pertenci à solidão: assim desaprendi o silêncio [...] em direção aos vales quero precipitar minha palavra. [...] Novos caminhos sigo, uma nova fala me vem; como todos os criadores, cansei-me das velhas línguas. Meu espírito já não deseja caminhar com solas gastas (NIETZSCHE, 2011, p. 80).

Ele quer navegar em outros mares, por isso, encontra-se feliz, na seção “Nas Ilhas bem-aventuradas”<sup>4</sup>, sem ter receio dos seus inimigos, porque foram eles que lhe permitiram quebrar o ensejo de sua solidão. Zaratustra lhes agradece por prodigalizar a sua sabedoria, a qual vem como um grito feroz e violento, pois “Como poderia uma torrente não encontrar enfim o caminho do mar” (NIETZSCHE, 2011, p. 80). É com voz leonina que Zaratustra se mostra, como aquele que pretende negar todos os embustes que lhe foram impostos, “Ah, se a minha leoa sabedoria soubesse rugir meigamente [...] Minha selvagem sabedoria ficou prenhe nos montes solitários” (NIETZSCHE, 2011, p. 81), mas ela é violenta como uma onda forte que pretende dizimar o desamor, a vingança, a igualdade, a compaixão, as virtudes do medo, pois tem certo receio de que seus companheiros se afastem dele.

O caminho da sabedoria está, contudo, na transformação do asno, do sim resignado para um “eu quero”, por isso diz:

A minha selvagem sabedoria ficou prenhe em solitários montes; em ásperas pedras deu à luz seu filhote. Agora corre desvairada pelo duro deserto, procurando um relvado macio – minha velha sabedoria selvagem! No relvado

---

3 Para a seção “Do menino com o espelho”, Nietzsche havia previsto “A segunda aurora”.

4 Nessa seção, o título previsto inicialmente era “Os deuses”.

macio de vossos corações, meus amigos! – no vosso amor ela quer aninhar seu favorito (NIETZSCHE, 2011, p. 81).

O momento aniquilador do pensamento retorna, o martelo criador se posiciona. É hora de bater no interior da vontade de nada, não carrega o peso do camelo em suas costas.

Mas para o ser humano sempre me impele minha fervorosa vontade de criar; assim o martelo é impelido para a pedra. Ó humanos, na pedra dorme uma imagem, a imagem de minhas imagens! Ah, que ela tenha de dormir na mais dura pedra e feia das pedras. Agora meu martelo investe furiosamente contra a sua prisão. A pedra solta estilhaços; que me importa? Quero contemplar isso: pois uma sombra veio até mim – a mais silenciosa e mais leve de todas as coisas veio um dia até mim! A beleza do além-do-homem veio até mim como sombra. Ah, meus irmãos! Que me concernem – os deuses? (NIETZSCHE, 2011, p. 83).

O conhecimento do martelo que Zaratustra salienta é a sabedoria pela qual o homem pode tomar em suas mãos sua atividade, livrando-se de todos os grilhões, das prisões valorativas e morais e do pensamento minguante das forças reativas, do pensamento que turva, que torna parado tudo que é transitório. Assim, a figura de Deus é destacada, não como criador de tudo, última lei, mas para o além-do-homem – essa força que se impõe como criadora, e não deve passar de uma suposição. “Deus é uma conjectura; mas eu quero que vossos conjecturas não excedam vossa vontade criadora” (NIETZSCHE, 2011, p. 83). O homem mais uma vez é enfatizado como o criador<sup>5</sup>. Não é uma suposição de um Deus que fomenta toda a criação, mas o homem por meio da sua atividade, do seu querer libertador, demolidor, que pode dar sentido ao mundo e à vida, de acordo com o seu teor interpretativo. Esse pensar é exigente tanto do componente crítico como da própria superação de todo conhecimento vingativo que esteja ligado ao modo de pensar do homem do mercado.

A especificidade da frase: “Deus é uma conjectura” (NIETZSCHE, 2011, p. 83), põe o querer como vontade de criar, celebrando a criação e, ao mesmo tempo, a inseparabilidade da destruição. Nesse sentido, o homem pode conferir a si mesmo a capacidade de exercer o seu experimento e até mesmo fazer de Deus uma ficção. Ora, se com a imagem de Deus tudo já tinha seu destino e naturalização, com a figura do criador tudo é revirado e revisto. Pois, com ele, a vida e o mundo são movimentos. Com isso, torna-se apropriado dizer que a vontade criadora exerce a liberdade, esmagada pelas concepções tradicionais de mundo que tendem

---

5 Para Eugin Fink, o homem criador “é o autêntico, essencial. Naturalmente que ‘criador’ não significa o homem do trabalho, mas o homem que cria jogando, que cria valores, que quer e possui uma grande vontade, que estabelece para si um objetivo, que ousa um novo projeto. Para o criador não existe mundo sensível já pronto no qual ele se limita a integrar-se, que ele aceite; o criador assume uma atitude original em relação a todas as coisas, estabelece novas medidas e novos pesos, dá uma forma totalmente nova à vida humana, existe de modo eminentemente ‘histórico’: quer dizer, como fundador” (FINK, Eugin. *A Filosofia de Nietzsche*, p. 80).

a aprisionar o indivíduo em verdades petrificadas, unificadas por um sistema de generalizações, semelhanças e igualdade.

Para além do pensamento dogmático e representativo, a vontade criadora movimentada o pensamento para além da naturalização e mostra que viver é ser violentado pelo fora, pensar é criar novos mundos possíveis, novas interpretações, pois do mundo nada seria possível além de nossas interpretações.

Mais cauteloso, Zaratustra pretende “reeducar” os seus discípulos, chamando atenção para a crença em “Deus”, sendo possível observar nas seções: “Dos compassivos, Dos virtuosos, Da gentalha, Das tarântulas”<sup>6</sup> e “Dos sacerdotes”<sup>7</sup>. Zaratustra pretende ensinar aquilo que pode fomentar a mais alta possibilidade da afirmação ativa, construtiva de uma saúde vigorosa, capaz do exercício trágico da criação, destacando que, só a partir do esforço da autoeducação, na (des)educação desses valores, se pode caminhar para as alturas. Portanto, o homem é convidado a (des)aprender o que lhe foi imposto como verdade, como lei, para que possa se superar. É assim que a *Bildung* zaratustriana vai para além da instrução ou da informação, ela atravessa como um contramovimento aquilo que está instaurado como norma na cultura.

É no entendimento de outro sentido, de novos hábitos que pode haver superação sobre si mesmo. Dessa forma, o potencial formativo de Zaratustra é desconcertante, porque é exigente de nova postura, de um exercício forte de saber lidar com a decadência sem que nela se possa sucumbir. Não é negando-a, mas é com ela que o homem pode fazer sua travessia.

Dessa forma, ele retoma a discussão sobre os valores tradicionais/dogmáticos, pois quem quer ser criador deve ser também parturiente. “Para ser ele próprio a criança recém-nascida, o criador também deve querer ser a parturiente e a dor da parturiente” (NIETZSCHE, 2011, p. 83). Assim, é com o despojamento e com a coragem de fazer despedidas que o homem pode renascer novamente.

O conhecimento da filosofia do martelo sofre ao perceber que o homem vive nessa prisão, na paralisação do pensamento. Por isso, Zaratustra prefere cem vezes, cem dores que a sua vontade chegue para libertá-lo, pois não quer jamais sentir o cansaço de não querer criar, de não dar sentidos a outros valores, de não criar avaliações e interpretações. Então essa vontade deve estar para longe de todos os deuses. É nesse sentido que a criação se instaura de maneira formativa em Zaratustra, tanto para ele como para nós, os leitores.

---

6 Na seção “Das Tarântulas”, Nietzsche se volta contra todos as correntes modernas que pregavam a democracia, o socialismo e, acima de tudo, contra o cristianismo, com suas noções de igualdade perante Deus, indo contra todas as concepções tradicionais de justiça. Nessa mesma seção ele ensaia a temática da moral dos senhores e da moral dos escravos, que vai ser explorada na sua obra “A Genealogia da Moral” e em “Além de Bem e Mal”.

7 Sobre os sacerdotes, Nietzsche se aprofunda nessa questão em seus livros posteriores a Zaratustra, em “Além de Bem e Mal” e “A Genealogia da Moral”.

Ao criar outras medidas, pode-se criar outros conhecimentos condizentes com a vida afirmativa, ou seja, com outro tipo de homem e de vida. Toda essa perspectiva criativa não se fez em cima de verdades dadas. É dessa maneira que Zaratustra insiste em dizer que fez seu caminho por cem tentativas.

A personagem se educa e se torna educador pelo exemplo porque comunica, exercita a sua coragem e o seu posicionamento diante da vida. Educa quando denuncia, se expõe, coloca em evidência tudo que parece já quase naturalizado, questiona os valores impostos como verdades, e, por fim, convoca o indivíduo a assumir uma postura crítica perante a vida que vive, mas também uma espécie de clínica.

Chamando atenção para a vontade minguante, dialogando com os valores da tradição, ele expõe a ideia de Deus, que ultrapassa todo e qualquer limite de tempo, olhando tudo que já está determinado, perenizado e sem mudança. O tempo é nada, não é levado a sério, ele não é real. A própria história aparece sem nenhum sentido, mas com a morte de Deus deseja retornar ao sentido da terra e do tempo e desse último não devemos nos afastar nem ultrapassar o devir das coisas, o perecimento desta, a contínua mudança.

A crença em Deus reflete a caricatura do homem vingativo, que embute na história as forças decadentes, ao mesmo tempo em que essa crença quer fixar as doutrinas do uno, do imóvel, negando o devir. Não é por acaso que faz crítica a toda vida fraca, que muitas vezes é vista sob o olhar das filosofias cristãs, que tomam a renúncia e a compaixão como valores superiores.

Se a vida é vontade de potência<sup>8</sup> e é essa a sabedoria que traz aos discípulos, seu móvel é sempre a superação, a dominação, a luta e a criação de novos valores condizentes com a vida, podendo isso ser visualizado na seção “Da superação de si”. Portanto, todo criador deve querer sua redenção por meio da dor, do sofrimento. Contudo, essa vontade de nada é apresentada na figura de Deus, do divino, do transcendental, no que é eterno, e as imagens do martelo, da construção e da atividade são negligenciadas.

O que move a questão da criação e da própria superação não é um pensar vingativo, hostil ao mundo e à vida, mas a superação que busca a vontade ativa procura distância das ideias teológicas e metafísicas. Ela, ao contrário, deve voltar-se para o movimento, para o devir, para o que passa. Nesse sentido, o saber deve estar envolvido com a vida, com a crítica, com a superação do pensamento vingativo.

---

8 No texto de Maudemarie Clark, intitulado “Nietzsche’s doctrines of the will to power” (Nietzsche-Studien, 12, 1983), a autora afirma que, antes de a vontade de potência aparecer em *Za/ZA*, ela se mostra primeiramente em uma direção psicológica. Nesse texto, há três distinções a respeito da vontade de potência no pensamento de Nietzsche: a psicológica, a biológica e a doutrina ontológica, destacando os níveis psicológico e ontológico. Na perspectiva psicológica, trata da motivação do humano, havendo uma perspectiva restrita e ampla. Sobre a doutrina ontológica, é qualificada como força do universo. No mesmo artigo, há um esforço para compreender a doutrina em seu *status* epistemológico. Sobre a questão epistemológica, segue uma esquemática em que a doutrina possa ser metafísica, científica ou mítica.

É com esse saber que Zaratustra quer mostrar a sua selvagem sabedoria para os corpos cansados, no sentido de educar seus pares para estarem distantes de tais inspirações e, por outro lado, reeducarem-se a si mesmos diante dessas tentações; esse é um dos desafios dos seus ensinamentos. A educação de Zaratustra não pode ser vista desvinculada do seu aprendizado e dos seus ensinamentos; aliás, esses dois componentes caminham conjuntamente.

A relação que o educador Zaratustra dispõe com seus discípulos é tentar levá-los para longe das concepções de vida que inspiram o cansaço, a não criação e a não atividade. Até nesse momento, ele aspira emitir aos seus pares a prudência, a distância, para incitá-los a procurar os cumes. A sua visão é destacar a possibilidade de viver uma vida fora da vingança e, nesse sentido procura compartilhar com eles essa responsabilidade, para que façam esse trabalho consigo mesmos, que cada um busque o seu próprio caminho, seu próprio modo de viver e pensar a vida. Ele não impõe, ele vive o seu experimento de modo singular. Contudo, isso não implica uma valoração irrestrita das escolhas, do mesmo modo que não instaura o culto de preferências individuais centradas no narcisismo, bem típico do mundo contemporâneo.

No momento em que Zaratustra leva a eles essa compreensão sobre a vida, a sua relação não só demanda ousadia, medo, engano, perigo, mas uma grande e profunda responsabilidade para todos. No entanto, essa relação entre educador e discípulo foi constituída pelo respeito e não pela imposição, pelo comando e pelo autoritarismo moral. Isso fica claro, no final do capítulo anterior quando Zaratustra pede que os discípulos o questionem, pois longe dele querer meros ouvintes cativados: ele deseja discípulos que possam caminhar para além do mestre. Reforçando a leitura dos “discursos”, o educador Zaratustra inspira a capacidade mais profunda dos seus pares para manterem-se a distância da vida cansada. Provoca-os para serem cada vez mais profundos em um mundo que perdeu de vista a seriedade da vida. Esse é um exercício formativo que demanda trabalho, sensibilidade e, acima de tudo, respeito consigo mesmo.

Sendo assim, destacam-se algumas seções em que se pode visualizar a denúncia de Zaratustra para entender que tipo de movimento educativo deve ser feito. Fala sobre os *compassivos*, acusa-os de gerarem a dor, o sofrimento, deleitando-se em sua compaixão: são indivíduos sem pudores, e contra eles mostra a figura do nobre, o tipo que procura estar acima da compaixão, já que, para Zaratustra, há um mal-entendido em tudo que se vê como compaixão, pois favores não geram gratidão, como dizem, mas apenas ressentimentos. Por isso, ele sente vergonha do sofredor e da sua própria vergonha, e diz que quando o ajudou foi, sobretudo, tentado contra a sua avidez. Os valores da compaixão, no fundo, só querem esconder a dominação, ao mesmo tempo em que aquele que se utiliza dela tem o olhar curvado para baixo, buscando o decadente, o pobre, o insignificante, para oferecer sua solidariedade, mas que, no fundo, quer fazer bem para si mesmo, quer exercer seu próprio poder.

A compaixão quer dispor-se de si mesma, do seu próprio amor. Para livrar-se da compaixão é necessário declinar de todos os sentimentos menores. Por isso, é

preciso livrar-se inclusive dos *sacerdotes*, que são tomados pelo maior dos redentores, pois o redentor dos sacerdotes, pelo qual se pensou a grande redenção, não deixou, sobretudo, de gerar falsos sonhos. Portanto,

Em verdade, houve homens maiores e de mais alto nascimento do que esses que o povo chama redentores, esses impetuosos ventos que arrebatam! E de homens ainda maiores do que todos os redentores ainda tereis de ser redimidos, ó irmãos, se quiserdes achar o caminho para a liberdade! Jamais houve um super-homem. Ambos eu vi nus, o maior dos homens (NIETZSCHE, 2011, p. 89).

Zaratustra retorna à ideia do além-do-homem, mas, para ele, o além do homem ainda é somente uma inspiração, criticando a moral cristã e todos os seus efeitos. Fala daqueles que se chamam “virtuosos”, que fazem da terra o sofrimento, a dor como pagamento de um paraíso celestial, os impedidores dos criadores.

“Os virtuosos” põem a ilusão, a premiação e o castigo como redentores de todas as coisas, pois querem ser recompensados com a eternidade. Mas não existe pagamento nem pagador, a virtude é sua própria recompensa. A personagem pretende que suas palavras rasguem o fundo dessas almas e quer retirar o véu que está por cima de todas as palavras como “vingança”, “castigo”, “prêmio”, “recompensa”. Ensina que se deve amar as próprias virtudes como a mãe ama um filho, ou seja, sem interesses. Zaratustra, ao contrário de muitos, não deseja partilhar o poço, a chama e o fruto com a “gentalha”. Com ela, tudo fica enfraquecido, sem vida, sem prazer e sem gosto, pois a vida é associada à inimizade, à morte, a cruzes e aos sacrifícios. Assim, demarca seu nojo, tanto pela gentalha do passado como pela do presente. A crítica zaratustriana procura rasgar fundo as bases de todos os valores tradicionais, sendo contra esses que o tipo nobre deve se impor.

Os tempos cheiram mal, “como um aleijado que se tornou surdo, cego e mudo: assim vivi muito tempo, para não viver com a gentalha do poder, da escrita e do prazer” (NIETZSCHE, 2011, p. 93). Tentando libertou-se desse asno, dessa negatividade, dessa sujeira, subindo, voando para as alturas, pois:

Que me aconteceu, afinal? Como me salvei do nojo? Quem rejuvenesceu meu olhar? Como voei até as alturas onde nenhuma gentalha senta mais junto à fonte? Meu próprio nojo me deu asas e o dom de descobrir água? Em verdade, tive de voar à mais elevada altura para reencontrar o manancial do prazer! (NIETZSCHE, 2011, p. 93).

O próprio nojo o torna ativo, deu-lhe forças divinatórias para encontrar a grande nascente do prazer, porém somente nas alturas a gentalha não pode compartilhar o mel. Essa escolha para ir para além do conforto e viver por si mesmo não é tarefa fácil diante de uma cultura que edificou virtudes para além da terra. O sentido da vida não será encontrado em lugar algum, a não ser nos lugares criados por si mesmo, dentro da própria vida singular. Contudo, para Nietzsche, como diz Keith Ansell-Pearson (1997, p. 22),

o perigo é que a sociedade perderá de vista a importância da cultura [...]. A sociedade torna-se composta por um rebanho de ‘últimos-homens e mulheres’ preocupados apenas com a ‘felicidade’ (compreendida no sentido

da satisfação dos desejos materiais) e que não podem conceber nada mais elevado ou mais nobre além (über) de si próprios.

Por isso, faz questão de denunciar a pobreza do seu tempo, na tentativa de que aqueles que podem ser criadores, legisladores, possam caminhar distante dos homens que são adoradores da felicidade imediata ou daqueles que constroem felicidades ilusórias, pois Zaratustra entende que o grande problema da vontade, na segunda parte da obra,

é que ela está esmagada pelo fardo do passado e que lança uma sombra escura sobre o futuro. A vontade humana sente-se impotente [...] a vontade está aflita, já que não pode querer de uma forma retrospectiva e quebrar a lei do tempo de mudança [...]. O espírito de vingança, anuncia Zaratustra, tem sido até agora a principal preocupação da humanidade (ANSELL-PEARSON, 1997, p. 122).

E, assim, retorna à ideia de que o homem, para *tornar-se* grande, deve subir, exercer sua capacidade heroica de vida. Relatando sobre si mesmo, Zaratustra diz que o seu coração sofreu, sentiu o asno bem próximo de si. Mesmo no declínio, há também o sentimento da plenitude: “um verão na mais elevada altura, com frias fontes e bem-aventuradas quietude: vinde, amigos, para que mais bem-aventurada ainda se torne a quietude” (NIETZSCHE, 2011, p. 94), ou seja, ele reporta-se sobre o que aprendeu ou desaprendeu na sua experiência para tornar-se e, com isso, se permite ensinar, dialogar sobre aquilo que parece em si já superado.

Do ponto de vista educacional, Zaratustra, como educador, quer destacar, denunciar essa vida medíocre. Por outro lado, quer abrir uma janela para que seja visto tal declínio, a fim de que seus pares não sejam sucumbidos por ele. Isso é o que ele também espera do tipo criador. Busca mostrar todo esse cenário para que eles possam visualizar a vida, os valores a partir de novas medidas. Porém, é interessante notar que somente cada um, para Zaratustra, pode buscar a sua própria medida, a sua própria lei, o seu próprio discernimento.

Ele entende, diante desses ensinamentos, que os vingativos, aqueles que pregam a sua doutrina da vida, são apenas doces “tarântulas”, pois jamais sentiram verdadeiramente a dor, a carne e o sangue do seu próprio viver, não conseguiram sentir o que há de mais fundo e mais íntimo, que é o viver em sua individualidade, em sua singularidade, com sua força mais íntima e vital, que é querer tornar-se, cuidar-se de si mesmo, ser forte o suficiente para viver na desigualdade.

Cada um, cada indivíduo forte deve conservar os ventos mais altos e profundos, indicando que esses superficiais jamais poderão compreender o sentido da vida de sua filosofia, pois não a experimentaram. Para viver sobre o solo do não idêntico, é necessário fazer a ruptura com tudo que parece ser vulgar, pondo por terra todo o ideal da vida moderna que implique a igualdade<sup>9</sup>, no espírito comum.

---

9 A ideia de igualdade criticada por Zaratustra refere-se não só às filosofias políticas modernas, mas ao ideal cristão e às próprias filosofias metafísicas que detêm a universalização. Ele quer retomar o propósito da singularidade, da individualidade, perdidas na massificação e na alienação

Isso ele também espera do tipo criador. Ele leva para os discípulos esse campo reflexivo para que eles façam a travessia sobre essa perspectiva minguante.

Ao pronunciar sobre a sua perspectiva de justiça, a personagem fala dos famosos sábios, que são os moradores da cidade, que gostam de servir o povo, sem que possam conhecer o que seja grandeza e altura. Retoma a perspectiva da solidão, elogia os espíritos livres, que sabem dizer não, pois esses são vorazes.

A sua vontade de leão é faminta, violenta, solitária, livre da vontade servil, ela é destemida. Os espíritos livres sabem viver longe do povo e encontrar-se nas mais geladas nascentes. Ele termina essa seção dizendo que a sua selvagem sabedoria corre no mar que treme na impetuosidade do vento. Quem pode ouvi-lo, compreendê-lo?

---

desses discursos, pois aquele que deseja o afastamento, precisa, sobretudo, retomar o seu si mesmo e, para isso, é fundamental que o indivíduo sinta tudo que lhe é próprio intrínseco, particular. A singularidade e a individualidade vistas por Nietzsche são aquelas do aristocrata, que cultiva os valores do homem guerreiro. O pretexto da igualdade se fortalece na perspectiva da moral cristã, segundo a qual todos os homens são criaturas de Deus e, portanto somos todos iguais, até na lei, o que é mera ilusão, pois Nietzsche entende que essa ética universalista é somente uma arena venenosa em que querem destruir as potencialidades humanas. As tarântulas querem efetivamente negar a diferença, o divergente, e submeter o indivíduo à teia da igualdade, que, na verdade, não existe. Os pregadores da igualdade não são profundos. Como deveriam ser, se são vingativos? Não conseguem ver a vida com alegria e leveza, mas como o fariam se não conseguem criar? Ir para além do que são? Os sintomas desses indivíduos são a fraqueza, a conservação, próprias dos espíritos mais fracos, pois as tiranias do semelhante e do igual danificam o que seja particular. Julgam-se sempre no direito de castigar e aprisionar o diferente, daí ele chamar a atenção para que se suspeite de todo aquele que é poderoso e que fala sobre a justiça. Nietzsche se mostra mais uma vez como um filósofo extemporâneo, uma vez que, naquele momento, já percebia que a justiça estava travestida do poder, na vontade de castigar, de policiar, de torturar, sob a farsa do aparelho da justiça. No fundo, aqueles que se dizem iguais querem escamotear e negligenciar a diferença; sob essa perspectiva a sociedade está envolvida por um espírito vingativo. Como, pode-se indagar, os pregadores da igualdade podem querer falar da vida se toda a sua defesa é para o contrário da vida? Para sentir e experimentar a vida em elevação, é necessária a experiência mais profunda da singularidade, pois somos capazes de contar e fazer histórias vivendo a experiência do viver, do fazer, dentro da perspectiva de criar e de libertar. Contudo, isso é negado em prol do ideal de universalidade, deixando cada vez mais os indivíduos desprovidos de si mesmos. É essa particularidade, essa intimidade, essa profundidade do viver, aquilo que é somente do próprio indivíduo e de mais ninguém que os pregadores da igualdade querem aniquilar e desprezar, enfatizando, por outro lado, a massificação, a diluição do individual. No fundo todos esses vingativos são conduzidos por um pensamento metafísico, desejando uma moral comum, uma lei comum. Zaratustra diz que o seu grande amor abre-se a favor do além-do-homem, dos afirmadores e criadores. Com eles pode-se pensar a multiplicidade, a contradição e a desigualdade, pois tudo isso faz parte da intimidade do criador. É essa disposição, vista sob a figura do além-do-homem, que Zaratustra opõe ao alinhamento do progresso, desse fim determinado, pois a vontade quer sempre criar, mas também é sempre contradição. Ergue esse debate a partir dos valores humanos, do embate entre os valores bem e mal, pobreza e riqueza, ligando-os à luta em torno da vida. Por isso é possível entender por que fala dos valores bem e mal. Tudo que é decadente nega a vontade criadora e em seu favor lança-se em uma vida fraca, sem dominação de si mesmo.

Serão os discípulos? Ou não? Quem pode despachar essas dúvidas? Quem ainda está preocupado com esse fio delicado da educação, ou da reeducação? Quem se preocupa em discutir os valores? Quem ainda está preocupado com questões de ordem existencial e filosófica?

Vê-se que Zaratustra paulatinamente vai conduzindo seu pensamento para outra ordem de interpretação. Se o indivíduo tem que exercer o martelo criador, se tem que se retirar do asno, da negatividade, agora ele tem que exercer sua potência criadora. Essa é a grande sabedoria, e mais uma vez a afirmação criadora se mostra não só pela metáfora do martelo trazida por Zaratustra, mas também diante da vontade de potência. É para esse sentido que ele pretende despertar os discípulos, mesmo sem saber se esses serão tocados por essa sabedoria.

Apresenta essa alternativa para o indivíduo, precisamente na seção da “Superação de si”. Só assim o homem pode superar o que há de lodo em si mesmo, avançando sobre si mesmo no exercício contínuo de afirmação. É exatamente essa sabedoria que ele expõe para seus “discípulos”. Para o exercício da vontade de potência, é necessário que a vontade avance sobre qualquer tipo de cansaço e sonolência. Isso, Nietzsche parece alertar para isso na segunda parte da sua obra fundamental.

### **(TEXTO - 3) SOBRE OS TRÊS CANTOS<sup>10</sup> DE ZARATUSTRA**

Prefiro declinar a renunciar a essa única coisa; e, em verdade, onde há declínio e queda de folhas, vê, a vida aí se sacrifica pelo poder! Que eu tenha que ser luta e devir e finalidade e contradição de finalidades: ah, quem adivinha minha vontade, também adivinhará os caminhos tortos que ela tem de percorrer! (Nietzsche/*Za/ZA*, Da superação de si mesmo).

Depois de apresentar sua sabedoria na tentativa de retirar seus discípulos do rebanho, a personagem central faz outro movimento em torno do seu aprendizado. Os três cantos revelam o quanto Zaratustra faz uma atividade educativa consigo mesmo, o quanto se volta para si, toma a sua intimidade, pensa, repensa, dialoga com seus dilemas, com suas incertezas e isso nos permite pensar que o educativo também perpassa diante desse trabalho silencioso que se pode fazer consigo mesmo, uma espécie de cultivo de si. O educador Zaratustra também precisa dessa disposição a fim de rever determinadas posições, pois é dessa forma que ele educa a si mesmo.

Agora ele não discursa, mas canta, interagindo com outro experimento, tornando-se mais introspectivo, mais prudente consigo mesmo. Fala somente para si, está só, não está mais pregando para outros. Apresenta-se mais poético, centrado, por isso dá-se o direito de cantar, e, pela primeira vez, ele faz isso. Vê-se que Zaratustra usa agora um outro tipo de linguagem, de manifestação, para

---

10 Sobre essa leitura dos três cantos, que não se afasta da vontade de potência, seria interessante consultar a perspectiva de Carlos Henrique Escobar, na seção 3 “os três cantos”, que se inicia na página 167 (*Zaratustra: O corpo e os povos da tragédia*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000).

apresentar a si mesmo e ao seu pensamento, revelando que o *tornar-se o que se é* requer essa busca do que é mais próximo e singular de cada um, daquilo que não pode ser retirado, negado, mas, sobretudo, pode ser intensificado. Utiliza-se da variante poética – o canto – para produzir sentidos diversos, produzir outros signos de comunicação, para tocar a si mesmo, mas também permitir que o outro, seu interlocutor, seja tocado, deslocado de um lugar para o outro, como ele mesmo se mostra. Usa o canto para dizer que a vontade de criar, sobretudo, percorre um certo senso de alegria. Em torno de um objetivo crítico e criador, faz um combate sem tréguas contra um conjunto de apreciações negativas e sem vida.

Dispõe-se em várias dobras, não economiza fazer experiências, diante da tessitura do *tornar-se o que se é*. Dá-se permissão para brincar e efetivar o canto e a poesia, criando outras linguagens possíveis para inventar a si mesmo. Sem falar, sabe cantar a sinfonia da sua vivência, da sua filosofia, para inspirar o seu pensar e o seu saber. Cada vez mais pode-se perceber que seu aprendizado caminha em uma variedade de labirintos, em multiplicidades de signos. Despertado por seus sinais e suas marcas, ele fala a linguagem do ditirambo, como diz no *Ecce Homo* “Assim Falou Zaratustra”, § 7. Ele mostra três cantos: “O canto Noturno<sup>11</sup>”, “O

---

11 Sobre “O canto Noturno”, o tradutor de Nietzsche em espanhol Andrés Sanchez Pascual, em nota de número 182, da última tradução de Za/ZA, de 2002, diz que, nos manuscritos de Nietzsche ele havia pensando para esse canto o título “Luz eu sou e a canção da solidão”. No seu livro “EH”, Nietzsche dispensa uma especial atenção para esse poema, pois, segundo ele, representa toda a linguagem do ditirambo, e nele Zaratustra mostra toda a sua natureza solar (EH, Assim Falou Zaratustra, § 7). Contudo, embora Nietzsche ressalte que esse poema é a linguagem do Ditirambo, ele pensou em dar à sua coletânea intitulada “Ditirambos Dionisíacos” o título de “Os cantos de Zaratustra”, que não se encontram reunidos neste escrito. Ainda, a respeito dos três cantos, no texto “Zarathustra and Disciples (Nietzsche-Studien, 8, 1979), Lampert Laurence menciona que eles conferem mudança na ação dramática da personagem e, ainda, do canto noturno para os dois últimos e da seção “Da superação de si mesmo”, Zaratustra passa de alguém que doa para alguém que recebe. Com esta mesma proporção reflexiva ele trata no seu livro, na página 103 (LAMPERT, Laurence. Nietzsche’s Teaching: An Interpretation of thus Spoke Zarathustra. Yale University Press. New Haven and London, 1986). Roberto Machado, no seu livro “Zaratustra: tragédia nietzscheana”, nas páginas 87/88, diz que o canto Noturno é “explicitamente caracterizado por Nietzsche como “Ditirambo dionisíaco”, originalmente um canto cultural entoado por um coro em honra a Dioniso [...] “O canto noturno” - a queixa imortal de ser, pela abundância de luz e poder, por sua natureza solar, condenado a não amar [...]. “O canto Noturno”; Zaratustra aparece pela primeira vez, sentindo-se pobre, invejoso, com fome de maldade, com desejo de roubar e receber, vingativo, pérfido, sem ventura, sem pudor, cansado de sua virtude, injustiçado, hostilizado pelo que é luminoso.” O próprio Lampert ressalta bem essa questão no mesmo livro citado acima, na página 103. Eugin Fink também posiciona-se a respeito dos três cantos e diz “É difícil dizer o que eles significam. Tratar-se-á de cantos que exprimem estados de alma, cujo sentido mais profundo seria vão procurar. “O canto Noturno” é um canto de amor, um canto da nostalgia do pensador, solitário na luz do sol do seu conhecimento, pela noite, pelo abismo, pela dissimulação [...] “O canto noturno” canta a nostalgia que a luz sente pela noite, e a noite aparece como o feminino, como Ariadine. “Canto de dança”, porém, interpela a vida [...] A vida apresenta-se sob o aspecto de mulher [...], e também a sabedoria “selvagem” de Zaratustra é uma mulher e é de algum modo a própria vida insondável. Em contrapartida,

canto de Dança” e “O canto do Túmulo”, A dramaticidade apresentada permite perceber uma experiência fundamental de Zaratustra, e, portanto, de relevância formativa, o que nos interessa fundamentalmente. Esse movimento de si não requer a compreensão de uma interioridade, um fundo, um “eu” fincado em uma consciência, que pudesse buscar a essência. O movimento é somente um trabalho de cultivo, que remete ligações com o mundo, com as vivências, com situações, pois Zaratustra é um personagem que experimenta o mundo e a vida.

Como se pode ver, nas citadas notas há leituras bastante interessantes sobre os três cantos de Zaratustra, que não pretendem, certamente, esgotar outras interpretações. Se os cantos ocupam destaque no percurso da obra, e se, como fala Eugin Fink, estão para além de meras confissões existenciais, pode-se inferir, contudo, que esses cantos se ligam à perspectiva de sua própria filosofia, no que diz respeito à campanha que Zaratustra vem fazendo no decorrer do livro contra a religião cristã e a própria tradição.

Ora, é preciso, antes de mais nada, aceitar a vida no que ela tem de alegre, mas também no que ela tem de dor. Essa alegria pontuada não solicita qualquer alegria, como uma razão qualquer de estar alegre. É um saber que não tem ligações com interesses, em prol de um benefício, mas requer um saber que se comunica com a lucidez, é precisamente uma beatitude filosófica, sem dano. Zaratustra canta, para fazer do canto o contrapeso a todos os aspectos de vida decadente, para sair de todo tipo de vida hostil e empobrecida. Para isso, é fundamental deixar de querer tudo que até agora foi posto como veneração.

Somente os mais profundos em superfície, os que sabem dançar e cantar, os que podem caminhar com passos leves, os de almas elevadas podem fazer um

---

no “Canto do Túmulo”, Zaratustra recorda as tumbas, a sua juventude, a sua vida passada e experimenta a dor do perecível, contra a qual mobiliza a sua vontade, a vontade que “faz saltar rochas” [...] Quiseram ver nestes cantos a expressão de determinadas experiências pessoais de Nietzsche. Pode ser que tais experiências tenham dado o tom e a cor aos cantos de Zaratustra, mas estas ocupam um lugar decisivo da obra, são mais do que confissões existenciais” (FINK. Eugin. A Filosofia de Nietzsche, p. 85). Para voltar a Roberto Machado, a respeito de sua leitura, referente ao último canto, “O canto do Túmulo”, diz ele: “[...] tem por tema a relação entre vida e morte, ou, mais precisamente, entre a vida presente e o morto do passado. É a canção em que Zaratustra viaja à “silenciosa ilha dos túmulos” para dar vida aos seus mortos: “visões”, aparições”, “consolos”, “maravilhas” de sua juventude, seu “melhor mel”, o que era mais querido e vulnerável e foi destruído por seus inimigos. Grande parte do “Canto do Túmulo” consiste em explicitar de que modo muitos valores foram suprimidos da vida de Zaratustra. Sua crença de que os seres devem ser divinos e os dias sagrados é substituída pelos imundos fantasmas e pelas noites de angústia; seus felizes presságios, pela repelente coruja; seu juramento de abandonar a náusea, pelas postulas de sua vizinhança e de seus próximos; seus caminhos felizes, pela imundice jogada no meio do caminho; suas auto-superações, pelas acusações de magoar os outros; sua caridade e sua compaixão, por insolentes mendigos e incorrigíveis despudorados; suas oferendas mais sagradas, por oferendas que as abafavam; sua vontade de dançar, pelo toque de uma nêmia, de um canto fúnebre. Ora, mesmo com todas essas mortes, Zaratustra se sente vivo [...]” (Roberto Machado. Zaratustra: tragédia nietzscheana, p. 98/99).

grande não ativo. A realidade não se opõe à profundidade e nem a aparência à superficialidade, pois a realidade, quando se mostra, nada lhe falta (ROSSET, 2000). A falta remete à ideia de lacuna, de desejo incompleto, de necessidade latente, que cria ilusões, vazios, projeções. Já a realidade não compõe uma intencionalidade, mas, aqui, ela pode ser entendida como uma luta de forças, que não é um em si.

Zaratustra lança mão de um aspecto fisiológico que pode demandar grande saúde. Assim, nos três cantos, ele mostra apenas uma aparente tristeza e não a tristeza em si; nesses cantos exercita o seu corpo, o seu experimento, a sua afetividade, o seu querer, é intenso e profundo no seu pensamento, na sua atividade do pensar. Neles é possível conferir a sua metamorfose, tornando-se reconciliado com a sua natureza mais profunda. O que parece precário pode ser fortalecido, o que é reativo ainda deseja guerrear. É no movimento e na contradição que esse espírito se afirma, se desloca para outros valores e se transforma. Certamente, o formativo vai sendo exposto diante de tudo isso que Zaratustra manifesta. Traz em si a luz e a noite, o escuro e o claro, como alguém que se desdobra nesse movimento tensional, mas no fundo conciliador. Mostra-se pobre, invejoso, tem fome de maldade, tem desejo de roubar; cansado de sua virtude, de ser injustiçado, tem desejo de ser luz e sol e de viver sobre sua luminosidade.

Sendo humano, demasiado humano, descreve a inveja, a maldade; tem sentimentos, até os menores. É como se de repente ele colocasse sobre a mesa tudo que fez e pensou, a sua necessidade de doar, de dar presentes, o que o movia para isso: o que faltou? O que ganhou? O que precisa? Ele compreende agora, parece entender que há um abismo entre dar e receber, mas todo o abismo deve ser transposto.

O que faz se hostilizar a luz em tudo que parece luminoso? Ele se pergunta, e faz no “canto noturno”, toda uma reflexão sobre a vida, como se estivesse indagando o que fizera consigo mesmo e o que deve fazer ainda, sendo altamente reflexivo. É o que deve ser feito quando se tem compromisso com a formação. Portanto, aqui, se mostra frágil, humano. É nesse sentimento que ele se faz mais revelador de si mesmo, porque a fragilidade não é sucumbir, mas, em certos momentos, se torna necessária para o exercício de aprendizagem, pois pode nos remeter para nossas próprias incapacidades, aos medos, aos receios e, de certa forma, para uma certa conservação e para o entendimento da incompletude.

Se antes parecia seguro diante do outro, consigo mesmo é introspectivo, solitário e até inseguro, o que faz parte do aprendizado. Isso não é a revelação de uma debilidade, mas do reconhecimento da sua humanidade, sendo interessante de se perceber, pois não há viagem formativa balizada em um mundo solidificado, fixado em certezas e verdades dadas, perenizadas. No processo de educação tudo flui, até a profunda singularidade vai sendo desmontada. Não há garantias diante da experiência que percorre mundos desconhecidos.

Fazendo o exercício de extrapolação, entrega-se a si mesmo, à sua intimidade, permite-se fazer um exercício poético de vida e existência. Esses cantos vêm com leveza, enfrentam o peso a partir do canto e não do argumento. Por isso, diz no “Canto de Dança: Um canto para dançar e zombar do espírito de gravidade,

do meu altíssimo e poderosíssimo diabo, do qual dizem ser o senhor do mundo” (NIETZSCHE, 2011, p. 103) E mais adiante, cito: “[...] No fundo amo apenas a vida - e, em verdade, sobretudo quando a detesto” (NIETZSCHE, 2011, p. 104). E logo mais à frente, no “Canto do Túmulo”, diz: “Sim, algo invulnerável, insepultável está em mim, que explode rochedos: chama-se minha vontade!” (NIETZSCHE, 2011, p. 107). Afirmativo com a vida, pois ela é vontade de superação, vê-se a tensão que Zaratustra apresenta no seu processo de formação.

Assim, pode-se ver como esses cantos destacam a configuração de uma atividade, de uma força manifesta. Percebe-se que eles não podem ser lidos como simples oposições, mas sim com o pensamento sendo atravessado por uma força viva, de um trabalho formativo que faz consigo mesmo.

O “Canto Noturno” fala da noite, e nela desperta todos os cantos, mas ele também fala da luz, que expressa o desejo de querer ser noite. Isso se mostra profundamente na solidão, que aqui se tem como atividade, como potência, pois circunda a luminosidade: “Ah! quisera eu fosse escuro e noturno! Como desejaria sugar do peito da Luz!” (NIETZSCHE, 2011, p. 101). Mas Zaratustra diz que vive de sua própria luz, ou seja, de sua própria força, do seu próprio querer, da sua própria virtude e moral, da sua própria lei. Ele é o comandante de si mesmo.

Percebe-se que o próprio personagem vai pouco a pouco mostrando o seu processo formativo, que está sendo exposto nessa ebulição, essa alma que caminha pelo noturno e pela luminosidade, que atravessa seu horror e desamor. É como se fizesse um convite àqueles que levam a sério a sua própria vida, em que possam saber dispensar e saborear o seu próprio convívio, já que o mundo que a personagem presencia é dessensibilizador e leva o indivíduo a não suportar conviver consigo mesmo. Dessa forma, seu processo de aprendizado extrapola as esferas estabelecidas. Porque, sobretudo, é autoeducação, é um cultivo rigoroso que o homem deve fazer consigo mesmo.

Entrementes, a *Bildung* tecida nessa obra vai para além da escolarização, da mera acumulação de saberes, e requer o trato consigo mesmo, o respeito com sua intimidade e com a singularidade. Não se trata de profissionalizar, de progredir rapidamente por meio de uma carreira: trata-se de estar preocupado consigo mesmo. Hoje, essa perspectiva pode ser efetivamente censurada, já que se desvia de tudo que é utilizável.

A noite é luz: aqui se pode compreender a movimentação como dinamicidade da própria vida, que ora quer ser jubilosa, iluminada, ora quer ser horror, abismo, obscurecida e fria. Assim, seguem as ambivalências, as diferenças que se querem e que se interpõem em amplitudes e em multiplicidades trágicas. Ele é essa cena que se desenvolve, se amplia em imagens vivas e ativas que conferem sua formação a partir de rupturas e enigmas. Zaratustra desenha seu corpo por uma teatralidade que vai para além da mera representação.

Zaratustra é esse pensar que se exercita para e pela afirmação criadora, que caminha na encruzilhada do declínio, da plenitude e da multiplicidade. Ele é essa força, esse comando, esse grito que se lança e que não quer calar diante da vida. A noite e a luz não são meras oposições, são acima de tudo cúmplices, amigas,

companheiras de criação, que tomam como ápice criativo a solidão e até mesmo o gelo, pois assim querem os mais fortes.

Vê-se a declaração de amor que faz para si mesmo. Também está orgulhoso de ser alguém que sabe caminhar entre o gelo, de alguém que sabe ser noturno e luz ao mesmo tempo, quando no seu tempo parecia comum os homens se afastarem dessa atividade, pois queriam quase sempre a tranquilidade.

Ó seres escuros, noturnos, somente vós retirais o calor do que é luminoso! Somente vós bebeis bálsamo e leite dos úberes da luz! Ah! Há gelo ao meu redor, minha mão se queima ao tocar no gelado! Ah, há sede em mim, e ela arde por vossa sede! É noite: Ah, que eu tenha de ser luz! E sede do que é noturno. É solidão! É noite: como uma nascente agora irrompe o meu anseio – falar é o meu anseio (NIETZSCHE, 2011, p. 102).

A noite se mostra como força, como criação, como cena artística, como uma cena trágica, de que emanam todos os fios, todas as teias e todas as imagens. É com a solidão que ele faz a celebração dessa força, dessa potência ativa, capaz de revelar a multiplicidade da vida. A solidão perfaz a imagem da plenitude da potência, pois é com ela que Zaratustra se inventa, se torna diferente, usa outras máscaras, abrindo as cortinas para a aparição dos festejos, onde o horror e a alegria se complementam e se revezam em atividades, em afirmações vitais. Dessa forma, a luz e a solidão compartilham o segredo do que é ser pleno e luminoso. A solidão não significa simplesmente estar só, na falta da presença do outro. Antes, ela é uma espécie de retratação em que o sentido do mundo, da vida, de si, dos outros pode ser configurado por aqueles que ainda não possuem os pensamentos embotados. Solidão, para Zaratustra, é ativa, produtiva. Nesse sentido, a vontade revestida da vontade criadora se produz e aparece como movimento de afirmação, como ato criador.

Efetivamente está para além do uno e do singular, mas se produz e faz na pluralidade manifesta. Os três cantos são reveladores de uma personalidade que se entranha diante da vida, de seus experimentos, no sentido de aprender com ela, e destaca uma personalidade que procura forjar a si mesma fora do cimento das verdades, da razão petrificada, pois aponta um outro olhar constitutivo, a tensão, o que não está em “fôrma”, já definido. É por isso que Zaratustra faz questão de falar da luz e da noite e, assim, apresenta seu processo educativo. Nesse canto, ele se mostra com o desejo de ser noturno para poder ser realmente iluminado.

O “Canto de Dança” se mostra como uma complementação do “Canto Noturno”. Quando quer a fecundidade e a festa, seus cortejos orgásticos, que estavam em transe, dançando, cantando, tudo em honra a Dioniso<sup>12</sup>, Zaratustra se aproxima das mulheres e confessa a elas que ele é íntimo do peso e mostra-se como uma espécie de intercessor entre Deus e o Diabo. Ele é uma floresta e uma noite de

---

12 Para Roberto Machado, “As Bacantes de Eurípedes” é que inspiram Nietzsche na caracterização do culto dionisíaco. Mesmo que Nietzsche critique a tendência socrática de Eurípedes, segundo esse autor, ele considera “As bacantes, obra escrita um ano antes de sua morte, como um arrependimento (Zaratustra: tragédia nietzscheana, p. 89).

árvores escuras, também cultiva roseiras em seus espinhos, ou seja, quem não teme os seus ensinamentos pode educar-se quando tocado por seus experimentos vitais e cotidianos.

A personagem põe Dioniso<sup>13</sup>, o pequeno deus preferido dos jovens, como demonstração do castigo, da dor, do horror, do que há de fundo e de ardente na vida, mas, certamente, com vontade de rir, mesmo quando ainda chora. Mesmo com lágrimas nos olhos, ele deve pedir-vos uma dança. Zaratustra, nesse contexto, consegue ver lucidamente a profundidade da vida e, ao reportar-se para Dioniso, é como se quisesse demonstrar a experiência da integração, da totalidade, escapando, assim, da divisão da multiplicidade individual. É como se quisesse demonstrar reconciliação com a natureza (MACHADO, 1997, p. 89).

Sua sabedoria se apresenta como selvagem e mulher, e não precisamente uma mulher virtuosa. Ela ri, se faz enganadora, e pede para nunca acreditar nela. Assim, a força dionisíaca é mostrada nesse incontrolável da vida, nessa obscuridade pesada, mas que é capaz, acima de tudo, de fazer o corpo flutuar e dançar. O corpo dançante irrompe, alegre, pois desperta em si um corpo que sabe sentir e viver em profundidade, na intimidade da terra. Por isso, ele é ativo.

Zaratustra, então, traz a imagem da sabedoria, a qual não se distingue da própria vida. Por isso, afirma, no “Canto Noturno” que ama somente a vida, mesmo quando também a detesta. É com o jogo do declínio que a vida se quer, ela se oferece como expansão. E, assim, Zaratustra, cada vez mais, fala da sede de sabedoria, mas essa se apresenta sempre por meios de véus, mutável, ou seja, a quem deseja a sabedoria, ela não está dada, formada, tampouco se tomará nas mãos, pois essa sempre se mostra, se transforma, ela é a própria vida. Mas o que é a vida? A própria vida está fora de toda ordem moral, pois ela quer se mover, se procurar, quer ser mutável e até mesmo solta para exercer a sua força criadora e dançante. A vida quer ir ao seu próprio fundo, sem querer cessar, mesmo sem saber qual o seu início e o seu fim. Contudo, a sabedoria, que poderia ser orientadora da vida, caminha sobre véus e não fica saciada consigo mesma; ela também se quer mais, e sua profundidade está no imperscrutável.

No fim desse canto, Zaratustra afirma que o sol se põe. É noite (NIETZSCHE, 2011). Nesse sentido, o saber trágico, esse saber que se pensa na lucidez da vida, não pode também se querer sem a dor, sem o obscuro, sem o noturno. Esse saber que existe não pode ser tomado por um Deus, mas, sim, pode ser transfigurado na força, no festejo, na atividade não vingativa e nihilista, sobretudo dizendo sim à vida de maneira afirmativa em sua pura criação, pois deseja se superar. Por isso, pode-se perguntar: será que Zaratustra estava realmente triste? Ou ele procura mostrar o percurso da própria individualidade heroica, e não pretende se opor aos

---

13 Ao meu ver, Zaratustra não especifica a sua compreensão dionisíaca apenas nos três cantos; a sua presença toma contorno, como se pode ver, no prólogo. Zaratustra aparecia transformado como criança, também em dançarino, e se mostra travestido em plenitude, abundância em declínio. O livro remete sempre a passagens em que Zaratustra se encontra transformado. Isso é a tensão da própria obra, que se quer movimentar e se transformar.

seus demônios, à morte, à dor, ao medo, à angústia e ao horror? Pois o processo afirmativo destaca também a desventura, para, finalmente, pôr-se de pé e erguer-se. Assim, pode-se inferir que o “Canto Noturno” vê a morte como criação. Para Zaratustra, os abismos da vida podem fazer com que o homem se mostre renascido. É dessa forma que ele se mostra.

Sugere-se que, nesse canto, Zaratustra realmente possa não estar triste. Ao contrário, esse canto vê um passado que no presente seja afirmado em outras atividades, em um coração que se fez mar, que hoje se encontra mais rico e invejável, e toda essa plenitude se tornou possível, exatamente, no exercício mais solitário, que é o que está sendo o seu. O passado posto é visto sem vingança e sem tristeza.

O jogo é esse, aceitar sem raiva ou ressentimento o que já foi. Isso faz parte do jogo criativo da própria vida. Esse é o seu segredo, é isso que a vida sussurra aos seus ouvidos. A vida chama-se vontade de criação, é superação. Ela vai continuar viva, mesmo por entre todos os túmulos. Ele faz da morte essa capacidade de viver, de poetizar, pois é vontade: essa força criadora pode ser capaz de mover todos os túmulos, pois, segundo Zaratustra, só há ressurreição onde também existem túmulos (NIETZSCHE, 2011). Insere, assim, lentamente, a perspectiva do eterno retorno. O educativo que Zaratustra apresenta nos três cantos é extremamente exemplar, de alguém que evidencia que a vida corta o horror, o medo, o indiferente, a tragicidade, mas também a alegria. É entre essas tessituras que pode haver ressurreições, não é possível sucumbir a isso. Destaca-se como alguém que cautelosamente fala com seus demônios, com seus desafetos, mas que não se tornou amargo e muito menos vingativo, porque diante disso ele sabe cantar, poetizar, criar a si mesmo na dura caminhada para *tornar-se o que se é*. Portanto, pode-se, perfeitamente, dizer que esses cantos vão de encontro ao pessimismo e podem ser compreendidos como um radical grito da vontade afirmativa, interligando vida e morte como linhas condutoras da perspectiva da criação. É com esse encontro que se pode dizer que Zaratustra dinamiza o seu corpo, o seu pensar, o seu aprendizado.

Com o término dos três cantos, Zaratustra mostra a superação<sup>14</sup> de si mesmo, ainda que não esteja completa. Assim, se no início de sua trajetória ele era doador, agora tornou-se receptor. A sabedoria da vida lhe dá um presente, a vontade de potência. Essa vontade não diz mais respeito somente ao homem, mas à própria vida. Ela quer superar, guerrear, lutar, diferenciando-se da concepção antropológica, que vê o homem como medida de todas as coisas.

Parece querer colocar o homem diante da vida, no sentido de superar todo o niilismo reativo e estabelecer uma conexão entre homem e vida. Para isso, ele deve pensar para além dos valores bem e mal, pois o critério avaliativo é somente a vida, e é ela que faz com que o homem avalie e crie valores. Portanto, não há valores extraterrenos, tudo é criado pelo homem e todos os valores são efetivados pela vontade de potência. A caracterização do criador é que ele está para além das

---

14 No texto de Jörg Salaquarda “A concepção básica de Zaratustra” (Trad. de Scarlett Marton, Cadernos Nietzsche. n. 2), o autor argumenta que, além da tese principal do livro “Za/ZA”, o eterno retorno, há uma outra que precisa ser explorada, que seria a questão da superação.

oposições entre bem e mal. Essa sabedoria é a que ele busca compartilhar também com seus pares.

Diante desse processo, só seria possível finalizar estas linhas tendo como inspiração todo o movimento exemplar de Zaratustra. Na segunda parte da obra “Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém”, a personagem permite que seus leitores reconstruam a ideia de educação para além das perspectivas pragmáticas. Educar diz respeito a um trabalho laborioso de experimentação de si, sabendo fazer a efetiva reconciliação com a solidão, que não é reativa, mas ativa, produtiva. Caminhar consigo mesmo, com suas dores, suas alegrias, seus terrores, suas necessidades, seus conflitos, buscar seu próprio caminho, desenhar suas próprias vias são profundos exercícios de cultivo, de experimentação do corpo. O tornar-se a si mesmo nem de longe requer uma meta, uma chegada. O convite silencioso de Zaratustra é: crie seu próprio caminho, experimente a sua própria potência de afirmação. Experimente, não moralize a vida.

#### (TEXTO - 4) PARA CONCLUIR

Pois, “criar-eis a grande liberação do sofrer, e o torna a vida leve. Mas, para que haja o criador, é necessário sofrimento, e muita transformação” (NIETZSCHE, 2011, p. 82).

#### REFERÊNCIAS

- ANSELL-PEARSON, K. **Nietzsche como pensador político: uma introdução**. Tradução: Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- ANSELL-PEARSON, Keith. **Toward the Übermensch: Reflections on the year of Nietzsche's daybreak**. Nietzsche-Studien, Band, 23. 1994.
- CLARK, Maudemarie. **Nietzsche's Doctrines of The Will To Power**. In: Nietzsche. edited by John Richardson and Brian Leiter. Oxford. University Press, 2001.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio – Sociedade Cultural Ltda, 1976.
- ESCOBAR, Carlos Henrique. **Zaratustra: O corpo e os povos da tragédia**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.
- FINK, Eugin. **A Filosofia de Nietzsche**. Tradução. Joaquim Loureço Duarte Peixoto. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- LAMPERT, Laurence. **Nietzsche's Teaching: An Interpretation of Thus Spoke Zarathustra**. Yale University Press, new Haven and London, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Zarathustra and his disciples**. Nietzsche-Studien, band. 12, 1979.
- MACHADO, Roberto. **Zaratustra: tragédia nietzscheana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo: Como se llega a ser lo que se es**. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **La genealogia de la moral:** um escrito polémico. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

\_\_\_\_\_. **Así habló Zaratustra:** Un libro para todos y para nadie. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. **Más allá del bien y del mal:** Preludio de una filosofía del futuro. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral:** Uma polémica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra:** um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROSSET, C. **Alegria:** a força maior. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SALAGUARDA, Jörg. **A concepção básica de Zaratustra.** Tradução: Scarlett Marton. In: *Cadernos Nietzsche*, n. 2: São Paulo: 1997.

\_\_\_\_\_. **Zaratustra e o Asno:** Uma investigação sobre o papel do Asno na Quarta Parte do *Assim Falou Zaratustra* de Nietzsche. Tradução. Maria Clara Cescato. Revisão de Scarlett Marton. *Revista: Discurso*, n. 28. 1997.